

DIETÉTICA E ESTOICISMO NO HORIZONTE DA MEDICINA FILOSÓFICA DE KANT

DIETETICS AND STOICISM ON THE HORIZON OF KANT'S PHILOSOPHICAL MEDICINE

Bruno de Figueiredo Alonso¹

Resumo

A dietética é concebida por Kant como um campo que entrecruza a filosofia e a medicina. É medicina filosófica e harmoniza o estilo de vida dos homens em favor da saúde e da longevidade. A dietética é estimada por seu poder preventivo, de se resguardar em instruções médico-filosóficas que visam cultivar hábitos sadios e, assim, preservar o corpo e a alma. A ascendência da dietética se revela, especialmente no estoicismo, como uma proposição basilar que corrobora a convicção kantiana de que a filosofia é uma aliada impreterível da medicina.

Palavras-chave: Kant; filosofia; estoicismo; medicina; dietética.

Abstract

Dietetics is conceived by Kant as a field which wraps philosophy and medicine. It is philosophical medicine and harmonizes the lifestyle of men in favor of wealth and longevity. Dietetics is estimated by its preventive power, to protect itself in medical-philosophical instructions aimed at cultivating healthy habits and, then, preserve body and soul. The ancestry of dietetics reveals itself, specially in Stoicism, as a basic proposition which corroborates Kantian conviction that philosophy is an indispensable ally in medicine.

Keywords: Kant; philosophy; stoicism; medicine; dietetics.

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF), da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ. Email: brunoalonso@id.uff.br

Abreviaturas das obras de Kant citadas

VKK – (AA 02) Versuch über die Krankheiten des Kopfes [*Ensaio sobre as doenças da cabeça*].

Anth – (AA 07) Anthropologie in pragmatischer Hinsicht [*Antropologia de um ponto de vista pragmático*].

SF – (AA 07) Der Streit der Fakultäten [*O conflito das faculdades*].

Ora este meio universal concerne apenas à dietética, i.e., age apenas negativamente, como arte de impedir enfermidades. Mas semelhante arte pressupõe uma Faculdade que só a filosofia pode proporcionar, ou o seu espírito, que importa pura e simplesmente pressupor.
(AA 07, SF: 98)²

Introdução

Este artigo consiste em um estudo das ideias de Kant (1724-1804) acerca da interação entre a filosofia e a medicina. Inicialmente apreciaremos o *Ensaio sobre as doenças da cabeça*, obra que retrata a visão do “jovem” filósofo, embebido pela suposição de que as doenças psíquicas são motivadas, unicamente, por condicionantes fisiológicas. Essa visão reducionista é repensada por Kant, décadas depois, nos anos finais da sua vida, em duas obras tardias. Veremos como acontece, na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, uma virada no seu pensamento. Kant propõe que certas doenças psíquicas – tal como a hipocondria – refletem um estado de desequilíbrio da mente, uma disposição patológica das faculdades do intelecto. Por último, investigaremos *O conflito das faculdades*, texto em que Kant legitima, com altivez, a soberania da filosofia em matéria de saúde. A dietética é apresentada como uma forma primorosa de medicina. Diante de uma considerável inspiração no estoicismo, Kant promove uma defesa convicta da dietética, a ciência que tem por objeto o modo de vida, e se destina a conformá-lo ao que se revela salutífero para a vida dos homens.

1 – A concepção somática das doenças psíquicas no *Ensaio sobre as doenças da cabeça*

O *Ensaio sobre as doenças da cabeça* (1764) é um estudo dedicado aos aspectos psicopatológicos da loucura. Uma ideia central, adotada por Kant nessa obra, é o pressuposto teórico de que as doenças mentais são engendradas no estômago e não no cérebro.

² Para as traduções das obras de Kant utilizadas, veja-se “Referências”.

Designei as deficiências da faculdade de conhecer, doenças da cabeça, enquanto é costume chamar à deterioração da vontade, uma doença do coração. Também só cuidei destas manifestações no ânimo sem querer descobrir as suas raízes que presumivelmente residem no corpo, e que têm, nomeadamente, a sua sede principal mais nas partes digestivas do que no cérebro. [...] Não me posso de maneira nenhuma convencer que a perturbação do ânimo derive da soberba, do amor, de cogitações muito intensas, e sabe-se lá de que mau uso das forças da alma, como habitualmente se pensa. Este juízo, que faz do doente e da sua infelicidade um motivo de reprovação sarcástica, é muito cruel e baseia-se num erro comum, segundo o qual se costuma confundir causa e efeito. Quando se atenta um pouco nos exemplos, reconhece-se que sofre primeiro o corpo; que no início quando o germe da doença se desenvolve imperceptivelmente, se sente uma inversão ambígua da mente que não encerra a suspeita de uma perturbação do ânimo, que se expressa em caprichos amorosos profundos, numa atitude enfatuada e por último num matutar profundo e estéril. Com o tempo a doença manifesta-se e leva a crer que a sua razão reside no estado do ânimo que a precedeu. Deveria dizer-se antes, que a pessoa se tornou soberba, porque já estava perturbada num certo grau, em vez de dizer que ficou perturbada, porque era soberba. Esses tristes males, se não forem simplesmente hereditários, permitem sempre esperar uma recuperação bem sucedida, e aquele cuja assistência aqui se deve privilegiar é o médico. No entanto, não quero, por uma questão de honra, excluir o filósofo, que pode prescrever a dieta do ânimo, apenas na condição de que, tal como na maior parte das suas ocupações, não exija pagamento (AA 02, VKK, II: 270-271).

Kant se mostra convencido de que as doenças mentais são germinadas no estômago. Em 1763 foi documentado um caso em que um fanático religioso chamado Jan Pawlikowicz, após sofrer uma grave dor de estômago, foi acometido por uma severa crise de alucinações. Um caso famoso que chegou ao seu conhecimento. Influenciado por alguns médicos de seu tempo, Kant corrobora a pressuposição de que determinadas enfermidades psíquicas advêm do estômago.

Os sintomas tangíveis de que a mente está enferma não se confundem com a causa da enfermidade. Seus argumentos indicam que as doenças da cabeça se enraízam no corpo e que as manifestações patológicas são meras consequências de um desequilíbrio fisiológico. Não são motivadas pela perversão da alma, como o vulgo tende a pensar. Se a doença não é hereditária, é possível que o paciente se cure mediante tratamentos médicos. O filósofo também é capaz de cuidar das doenças da cabeça, ao alvitar uma “dieta do ânimo” e conjugar prescrições em prol de um modo de vida saudável. Contudo, Kant parece cauteloso e não é assertivo ao ponto de respaldar, com maior desenvoltura, a competência da filosofia no que concerne à saúde. O *Ensaio sobre as doenças da cabeça* prenuncia uma suposição que se converterá em uma convicção irretocável três décadas mais tarde.

Chama-se desarranjo a esta condição da pessoa perturbada segundo a qual está habituada a representar, no estado de vigília, sem um grau de doença particularmente acentuado certas coisas, ausentes, como sendo claramente sentidas. Quem sofre de desarranjo é alguém que sonha acordado (AA 02, VKK, II: 265).

Kant compreende o desarranjo como um atributo fulcral das doenças psíquicas. O desarranjo é definido como uma inversão na relação do pensamento subjetivo com os fatos exteriores, em que a imaginação é projetada e confundida com a realidade.

Uma perturbação do entendimento, pelo contrário, consiste na produção de juízos de experiência de forma invertida e o primeiro grau desta doença, o delírio (Wahnsinn), atenta contra as regras gerais do entendimento mesmo nos juízos mais próximos da experiência. O delirante vê e lembra-se dos objetos com a mesma correção que qualquer pessoa saudável, simplesmente interpreta o comportamento dos outros como estando relacionado consigo próprio, devido a uma disparatada ilusão, e acredita poder ler neste, sabe-se lá que desígnios alarmantes de que estas pessoas nunca se lembrariam (AA 02, VKK, II: 268).

O delírio produz interpretações enganosas sobre a realidade, de que as ações de outrem são suscitadas por si mesmo. É a condição do doente inebriado pela ilusão de que as pessoas que o cercam agem em sua função. Nesse estado as experiências pessoais são subordinadas aos anseios delirantes.

O segundo grau da perturbação da mente a respeito da faculdade superior de conhecimento é, no fundo, a razão posta em desordem, enquanto se perde de um modo disparatado em juízos finamente construídos sobre conceitos gerais, e pode ser designada por insânia (Wahnwitz). No grau superior dessa perturbação contam-se inumeráveis intuições subtis que se enxameiam no cérebro em ebulição: o comprimento dos mares, a decifração de certas profecias, e sabe-se lá que mistura de quebra-cabeças fúteis (AA 02, VKK, II: 268).

A insânia é o nível mais elevado de perturbação psíquica que faz a mente produzir ideias genéricas absurdas, nutridas por elucubrações acrílicas. Se caracteriza por uma desordem na razão que induz o doente a formular juízos universais desbaratados.

Kant divide as doenças da cabeça em três gêneros: desarranjo, delírio e insânia.³ Todas as doenças psíquicas são, conforme a definição estabelecida por Kant no *Ensaio sobre as doenças da cabeça*, estados variáveis desses estados patológicos, isolados ou combinados entre si.

³ “Julgo que podem ser ordenadas segundo as três divisões seguintes: primeiro, a inversão dos conceitos empíricos no desarranjo (Verrückung); segundo, a faculdade de julgar posta em desordem por esta experiência empírica, no delírio (Wahnsinn); terceiro, a insânia (Wahnwitz) em que a razão é invertida no que concerne a juízos mais universais. Todas as demais manifestações do cérebro doente podem ser entendidas, no meu parecer, quer como graus diferentes dos estados referidos, quer como uma infeliz combinação destes males entre si, ou ainda como resultado do enxerto em paixões fortes, de maneira que as podemos subordinar à classificação anterior. No que diz respeito ao primeiro” (AA 02, VKK, II: 264).

2 – O distúrbio da razão como causa das moléstias psíquicas na *Antropologia de um ponto de vista pragmático*

Com o desenvolvimento do embrião até a reprodução, desenvolve-se simultaneamente o germe da loucura, que também é hereditária. É perigoso contrair matrimônio em família, mesmo que haja apenas um indivíduo em semelhante situação. [...] Com frequência há quem pretenda saber indicar a causa accidental dessa enfermidade, de tal modo que não se apresente como hereditária, mas como sendo adquirida, como se o vitimado por ela fosse culpado disso. “Ficou louco de amor”, se diz de um, e de outro que “enlouqueceu de orgulho”, e de um terceiro até mesmo que “estudou demais” (AA 07, *Anth*: 217).

A etiologia das doenças mentais é um ponto impreciso e dúbio para Kant. Algumas têm uma procedência hereditária e são, portanto, involuntárias. Outras estão relacionadas a um modo de vida doentio e, nesse caso, se presume certa culpabilidade pelas próprias mazelas.⁴ Kant contesta a crença popular de que as doenças mentais são motivadas pela imoralidade. A degradação moral é uma consequência do estado patológico da mente e não a sua causa.

O único sinal universal da loucura é o senso comum (*sensus communis*) e a substituição pelo senso lógico privado (*sensus privatus*), por exemplo, quando em dia claro um indivíduo vê sobre sua mesa uma luz bem forte que um outro ali presente não vê, ou quando ouve uma voz que nenhum outro ouve. Pois é uma pedra de toque subjetivamente necessária da retidão de nossos juízos em geral e, portanto, também da saúde de nosso entendimento, que o confrontemos com o entendimento de outros, e não nos isolemos com o nosso e julguemos como que publicamente com nossa representação privada (AA 07, *Anth*: 219).

As doenças mentais são definidas por uma propriedade essencial, a atrofia do senso comum, isto é, a consciência deformada por uma subjetividade desconexa do mundo circundante. O embate com o pensamento alheio é apontado por Kant, como um requisito para que a mente não se perca em seus próprios labirintos e adoça.

Antropologia de um ponto de vista pragmático (1798) é uma obra dedicada à psicologia empírica que apresenta uma nova compreensão acerca das doenças psíquicas. Kant elabora um novo esquema nosológico para as enfermidades mentais, distinto do antigo modelo adotado no *Ensaio sobre as doenças da cabeça*. Apesar do diálogo com a medicina de sua época, reside em seu pensamento uma suspeita acerca da eficácia dos tratamentos medicinais. Nos casos mais

⁴ Conforme declara Polianski, Kant explora ambas as possibilidades, sem adotar uma posição assertiva: “On the one hand, he stressed the hereditary nature of at least some mental illnesses: ‘The germ of madness develops at the same time with the germ of reproduction, so that this too is hereditary. It is dangerous to marry into families where even a single such individual has been met with’ (Anth, AA 07: 217; Kant, 2007b, p. 322). On the other hand, Kant believed that the mentally ill were not entirely innocent since they could have triggered the disease by their behaviour – not by sins and vices but by mere disregard of the pragmatic rules of a healthy life-style” (Polianskii, 2023, p. 3).

graves de transtornos psíquicos, a pessoa não é capaz de reconhecer seu estado doentio e torna-se incapaz de recuperar a sanidade. Para Kant, quem é apto para determinar a capacidade mental do enfermo não é o médico, mas o filósofo.⁵

Os defeitos da faculdade de conhecer são fraquezas ou enfermidades da mente. As enfermidades da alma relativas à faculdade de conhecer podem ser inseridas em dois gêneros principais. Um é a *atrabilis* (hipocondria) e o outro é a perturbação mental (mania). Na primeira, o enfermo é consciente de que o curso de seus pensamentos não vai bem: sua razão não tem poder suficiente sobre si mesma para dirigir, deter ou impulsionar o andamento deles. Alegrias e preocupações fora de hora, portanto, caprichos, alternam nele, como o clima que se tem de aceitar tal qual é. A segunda é um curso arbitrário de seus pensamentos, que tem sua regra própria (subjativa), a qual, porém, é contrária às regras (objetivas) que concordam com as leis da experiência (AA 07, *Anth*: 202).

Kant declara que a loucura é o estado patológico causado por uma disfunção das faculdades cognitivas. A tese proposta anteriormente, no *Ensaio sobre as doenças da cabeça*, de que o desarranjo é uma característica elementar das doenças psíquicas, é abandonada na *Antropologia*.

Uma das fraquezas da mente é estar atada pela imaginação reprodutiva a uma representação a que se aplica grande atenção, ou uma atenção detida, e dela não poder se afastar, isto é, não poder tornar novamente livre o curso da imaginação (AA 07, *Anth*: 207).

A principal fraqueza da mente, propícia a despertar uma gama de perturbações, é a imaginação obstinada que se mimetiza e desordena os pensamentos. Segundo Kant, as enfermidades psíquicas possuem duas formas primárias: a hipocondria (*atrabilis*) e a mania (perturbação).⁶ Quem sofre de hipocondria possui um humor instável e tem consciência de seu

⁵ Kant alega que a determinação da imputabilidade criminal de um réu é de competência da filosofia e não da medicina: "O delírio (*delirium*), em estado febril, daquele que está desperto é uma doença corporal e necessita de providências médicas. Só o delirante no qual o médico não percebe tais crises chama-se louco, para quem a palavra perturbado é só uma expressão atenuada. Assim, se alguém causou premeditadamente uma desgraça, e a questão é se e que a culpa recaí sobre ele por isso e, portanto, primeiro é preciso decidir se ele no momento estava louco ou não, a justiça (devido à incompetência do tribunal) não pode remetê-lo à faculdade de medicina, mas tem de remetê-lo à de filosofia. Pois a questão sobre se o acusado, ao cometer o crime, estava de posse de sua faculdade natural de entender e julgar, é inteiramente psicológica" (AA 07, *Anth*: 214).

⁶ Cabe ressaltar que Kant demonstra um certo ceticismo em relação à veracidade das taxonomias das doenças mentais, tanto no *Ensaio sobre as doenças da cabeça* quanto na *Antropologia*. O comentário de Thomason é providencial para explicitar esse ponto: "How seriously should we take Kant's taxonomy? Although Kant's classification in the *Anthropology* seems earnest, it seems less so in *Maladies*. In the beginning of *Maladies*, Kant writes, 'I see nothing better for me than to imitate the method of physicians, who believe they have been very helpful to their patient when they give his malady a name, and will sketch a small onomastic of the frailties of the head' (*Maladies* 2: 260). Kant appears to be sarcastic here: it does not actually help a mental patient when we name his malady, but Kant will follow this convention anyway. This line also appears after he makes the joke that 'doctors of the understanding, who call themselves logicians' have 'made the important discovery: that the human head is actually a drum which only sounds because it is empty (*Maladies* 2: 260). Kant is not sarcastic in the

estado patológico.⁷ Quem padece de mania, diferentemente, se enclausura na própria subjetividade, de modo que não consegue discernir sua desordem mental. É o caso mais grave de desordem psíquica, em que o enfermo se encontra despojado de sua lucidez. Por ser incapaz de reconhecer o respectivo estado doentio, não dispõe dos meios necessários para suplantar as próprias mazelas.

A denominação da primeira provém da analogia com a atenção que se presta ao cricri de um grilo (grilo-caseiro) no silêncio da noite, o qual perturba a tranquilidade de que a mente necessita para dormir. A enfermidade do hipocondríaco consiste então nisto, que certas sensações corporais internas não descobrem tanto um verdadeiro mal existente no corpo, quanto, ao contrário, só trazem apreensão a seu respeito, e a natureza humana tem a característica singular (que o animal não possui) de acentuar ou mesmo de tornar persistente o sentimento de certas impressões locais pela atenção que se presta a elas (AA 07, *Anth*: 212).

A hipocondria se singulariza por exasperar a intuição sobre as causas latentes às próprias afecções corporais. Ela amplia o pressentimento dos sintomas patológicos e, como efeito, ocasiona uma sucessão de tormentos.

O hipocondríaco é um atrabiliário (fantasista) da espécie mais lastimável: teimoso, não se deixa despersuadir-se de suas ficções e não larga do pé do médico, que passa apuros com ele e também não pode tranquilizá-lo de forma diferente da que faz como a uma criança (dando-lhe pílulas de miolos de pão em vez de medicamentos); e quando esse paciente, que por estar constantemente adoentado nunca pode ficar doente, consulta livros de medicina, então se torna completamente insuportável, porque crê sentir no corpo todos os males que lê no livro. São sinais característicos dessa doença da imaginação a extraordinária alegria, a vivacidade de engenho e o sorriso satisfeito a que esse enfermo se sente às vezes entregue, e assim ele é o jogo

Anthropology, but we see at least one hint of hesitation. In the case of derangement, he says that it is 'difficult to bring systematic division into what is essential and incurable disorder' (*Anth* 7: 214). Kant explains that it is a mistake to become too preoccupied with classification because 'all methods of cure in this respect must turn out to be fruitless' (*Anth* 7: 214). Kant's skepticism about the taxonomy is consistent with the pragmatic goals of his account of mental illnesses. The point of examining them is for the purposes of understanding ourselves and each other as well as working to prevent such disorders. If the taxonomy does not serve these purposes, then it has little point. Given Kant's historical context, I suggest that we ought not see the taxonomy as particularly stringent" (Thomason, 2021, p. 192).

⁷ O termo *atrabilis* é usado para se referir à hipocondria. Trata-se de um conceito que designa o predomínio da bile negra no corpo, o humor que tipifica o temperamento melancólico. O texto hipocrático *Da natureza do homem* compreende o homem como um ser constituído por quatro fluídos corporais. É o tratado que introduz a famigerada doutrina hipocrática dos quatro humores (fleuma, sangue, bile amarela e bile negra): “O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra; esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde quando estes humores são harmônicos e, sobretudo, quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. Quando um desses humores se separa e se desloca para adiante de seu lugar, não só este lugar de onde se desloca adoeça, mas também o lugar no qual ele transborda, ultrapassando a medida, cause dor e sofrimento” (*Da natureza do homem*, 4). Galeno, no tratado *Os temperamentos*, associa a prevalência da bile negra no corpo a uma predisposição anímica à melancolia: “Já se uma mudança de constituição corporal o tornar frio e seco, a partir desse momento será necessariamente melancólico. Será assim, por exemplo, alguém quente e seco que, pela queima do sangue, tiver gerado muita bile negra; este homem, no momento em que se torna frio e seco, imediatamente passa a ser melancólico” (Galeno, *Os temperamentos*, II, 91).

sempre inconstante de seus humores. O que alimenta essa enfermidade é o medo da morte, que o assusta de modo infantil. Mas aquele que não despreza esse pensamento com máscula coragem, nunca estará verdadeiramente contente com a vida (AA 07, *Anth*: 213).

O hipocondríaco se aturde em suas fantasias incontidas. O germe dessa enfermidade é a expectativa da morte, intensificada pelo temor pueril da sua iminência. O medo da morte cria uma dependência profunda no hipocondríaco, sempre aprisionado aos ditames dos médicos e invariavelmente suscetível aos anseios da imaginação. Se arrepia com as mais singelas impressões dos sentidos e as interpreta como indícios patológicos.

3 – O estoicismo como inspiração para a dietética

Aulo Gélío (125-180 d.C.) elucidada, nas *Noites áticas*, duas lições éticas legadas pelo estoicismo de Epicteto (50-135 a.C.).

[...] esse mesmo Epicteto, como ouvimos de Favorino, costumava dizer haver dois vícios entre todos de longe mais graves e perniciosos: a incapacidade de resistir e a incapacidade de abster-se, quando ou não resistimos aos sofrimentos que devem ser suportados, ou não nos abtemos de coisas e desejos em relação aos quais devemos nos conter. “Assim,” diz Epicteto, “se alguém tomar a peito estas duas palavras e as velar através do governo e da observação de si mesmo, na maior parte do tempo não cometerá faltas e viverá uma vida tranquilíssima”. Essas duas palavras Epicteto dizia serem ἀνέχου (Resiste) e ἀπέχου (Abstém-te) (Aul. Gell., *Noctes Atticae*, XVII, 19, tradução nossa).⁸

Os dois maiores vícios que desvirtuam os homens são a fraqueza que os impede de suportar os sofrimentos e a incontidência que os fazem vulneráveis aos desejos. Epicteto concebe dois preceitos para se superar a pusilanimidade. A disposição para suportar os infortúnios (ἀνέχου) e o discernimento para prescindir dos prazeres (ἀπέχου). O lema de Epicteto é evocado por Kant sob a forma latina *sustine et abstine*. Ele vislumbra nos ensinamentos doutrinários do estoicismo uma confluência entre filosofia prática e medicina, do mesmo modo que descobre no binômio de Epicteto um nexos espontâneo que funde ética e saúde.

A dietética não deve ter em conta a comodidade, pois este cuidado das suas forças e sentimentos é efeminação, i.e., tem apenas por consequência a fraqueza e a indolência, é um desvanecimento progressivo da força vital por falta de exercício; tal como dela

⁸ “[...] idem ille Epictetus, quod ex eodem Fauorino audiuimus, solitus dicere est duo esse uitia multo omnium grauissima ac taeterrima intolerantiam et incontinentiam, cum aut iniurias, quae sunt ferendae, non toleramus neque ferimus, aut a quibus rebus uoluptatibusque nos tenere debemus, non tenemus. 'Itaque' inquit 'si quis haec duo uerba cordi habeat eaque sibi imperando atque obseruando curet, is erit pleraque inpeccabilis uitamque uiuet tranquillissimam.' Verba duo haec dicebat: ἀνέχου et ἀπέχου”.

ocorre um esgotamento em virtude do seu uso demasiado frequente e excessivo. O estoicismo, como princípio da dietética (*sustine et abstine*), pertence, pois, à filosofia prática, não só como doutrina da virtude, mas também como medicina. Esta é filosófica, se unicamente o poder da razão no homem, ao dominar as suas impressões sensíveis por um princípio que ele a si próprio faculta, determina o modo de vida. Pelo contrário, se para despertar ou afugentar estas sensações busca a ajuda fora de si, em meios corporais (da farmácia ou da cirurgia), é simplesmente empírica e mecânica (AA 07, SF: 100-101).

Em uma carta dedicada a Hufeland, Kant declara que o estoicismo contribui à filosofia prática não apenas no aspecto ético, mas também na qualidade de medicina. Trata-se de uma resposta à obra *A arte de prolongar a vida humana* escrita por Hufeland, um texto influente em sua época.⁹ A carta de Kant, intitulada *Do poder que o ânimo tem, pelo simples propósito, de ser senhor dos seus sentimentos mórbidos*, constitui a terceira parte da sua obra *O conflito das faculdades* (1798).

Sustine et abstine é a tradução latina para a máxima de Epicteto acolhida por Aulo Gélcio. Kant descobre no estoicismo um dogma proveitoso para a dietética, a concepção de um modo de vida guiado pelo intento prognóstico de proteger a saúde. Os tratamentos medicinais por intermédio de fármacos ou cirurgias são procedimentos externos que procuram uma intervenção mecânica no corpo. De um modo geral, atuam após os sintomas serem manifestos e não previnem o surgimento de doenças potenciais. Na visão de Kant, os fármacos e a cirurgia são ineficazes no que se refere ao objetivo da dietética, que tem em si a faculdade de prevenir o acometimento de futuras doenças¹⁰.

⁹ Antes de tecer a sua concepção acerca da dietética, Kant acolhe a ideia de Hufeland, de que a dietética é a arte de antever doenças para favorecer a longevidade: “Antes, pois, de me apresentar com o resultado da minha auto-observação no tocante à dietética, devo ainda notar algo sobre a maneira como o Senhor Ufeland expõe a tarefa da dietética, i.e., da arte de prevenir doenças, por oposição à terapêutica, a arte de as curar. Ela é para ele ‘a arte de prolongar a vida humana’” (AA 07, SF: 98-99). No entanto, o intento dietético de prolongar a vida é problematizado. Se é uma vida inválida para as ocupações públicas, haveria alguma satisfação em estendê-la? Kant ressalta essa intrincada questão: “Há que também explicar assim como é que alguém se pode vangloriar de ser saudável para a sua idade, embora no tocante a certos afazeres que lhe incumbem deva antes inscrever-se na lista dos doentes. Com efeito, visto que a impotência impede ao mesmo tempo o uso e, com este, o desgaste e o esgotamento da força vital, e ele confessa viver, por assim dizer, apenas num grau inferior (como um ser que vegeta), ou seja, poder comer, andar e dormir, o que se diz saudável para a sua existência animal, mas doente no tocante à existência civil (obrigada a ocupações públicas), i.e., inválido, semelhante candidato à morte de nenhum modo, pois, se contradiz. A arte de prolongar a vida humana leva a que, por último, se seja apenas tolerado entre os vivos – o que não é justamente a condição mais divertida” (AA 07, SF: 114).

¹⁰ Segundo Diógenes Laércio, Platão compreende mais dois gêneros de medicina, além dos três reconhecidos por Kant: “Há cinco espécies de medicina: a farmacêutica, a cirúrgica, a dietética, a diagnóstica e a do pronto-socorro. A farmacêutica cura as doenças com os remédios; a cirúrgica cura cortando e cauterizando; a dietética prescreve regime para eliminar as doenças; a diagnóstica atua mediante a determinação da natureza das enfermidades; e a medicina do pronto-socorro proporciona a remoção imediata da dor. As espécies da medicina então, são: a farmacêutica, a cirúrgica, a dietética, a diagnóstica e o pronto-socorro” (Diog. Laert., III, 85). A medicina diagnóstica e do pronto-socorro estariam, bem como a farmacêutica e a cirúrgica, enquadradas na mesma categoria da definição kantiana, como recursos empíricos e mecânicos, via de regra, aplicados após o corpo ser acometido por alguma lesão ou enfermidade.

4 – A sinuosa relação entre filosofia e medicina em *O conflito das faculdades*

Para Kant a psique detém o poder de diagnosticar e curar o corpo. Nesse sentido, a filosofia se articula com a medicina em virtude do caráter preventivo da dietética, de antever e evitar possíveis enfermidades. A terceira parte de *O conflito das faculdades* tem como tema o lugar reservado à filosofia em face das competências da medicina. Kant se mostra confiante na idoneidade da filosofia.¹¹ O diferencial da filosofia está em proporcionar aos homens meios para não serem dominados por suas afecções patológicas.

A fraqueza de se abandonar com desalento aos seus sentimentos mórbidos em geral, sem um objeto determinado (portanto sem a tentativa de deles se tornar senhor por meio da razão) – a hipocondria caprichosa (*hypochondria vaga*), que não tem sede determinada no corpo e é uma criatura da imaginação e, por isso, poderia também denominar-se a doença fictícia – em que o paciente julga observar em si todas as doenças com que depara nos livros, é justamente o contrário daquela faculdade do ânimo que consiste em controlar os seus sentimentos doentios, o desalento em cismar sobre males que poderiam suceder aos homens sem lhes poder resistir, caso ocorressem: uma espécie de loucura à qual pode estar subjacente qualquer matéria patogênica (flatulência ou obstrução) que, porém, não é imediatamente sentida no modo de afetar a sensibilidade, mas simulada, como mal iminente, pela imaginação ilusiva; então, o auto-verdugo (*heautontimorumenos*), em vez de se animar a si mesmo, apela em vão para a ajuda do médico; porque só ele, graças à dietética do jogo do seu pensamento, pode eliminar as representações importunas que involuntariamente surgem, e certamente de males contra os quais nada se poderia organizar, se realmente se apresentassem (AA 07, SF: 103).

A hipocondria é compreendida como uma condição oposta ao estado psíquico são e harmonioso delineado pela filosofia. O hipocondríaco não contém os sentimentos e vive perturbado com a intuição intransigente de que está, habitualmente, adoecido. O que a prática da filosofia propicia é justamente exercer controle sobre os próprios pensamentos, não ser refém da imaginação e não viver atormentado pelo medo de virtuais enfermidades.

¹¹ Thomason destaca o campo de atuação da medicina filosófica kantiana: “Philosophical medicine is for mental illnesses that can be managed by reasoning better while empirical medicine is for mental illnesses that require external management. Obviously, philosophical medicine will only work on someone who is still capable of guiding her thinking. In contrast to some of the other taxonomies, Kant claims that hypochondria is the ‘exact opposite of the mind’s power to master its pathological feelings’ and the ‘weakness of abandoning oneself despondently to general morbid feelings that have no definite object (and so making no attempt to master them by reason)’ (Conflict 7: 103). Oddly, Kant then writes, ‘As long as a man is afflicted with this sickness we cannot expect him to master his morbid feelings by sheer resolution; if he could do this, he would not be a hypochondriac’ (Conflict 7: 103–104). On the one hand, it appears that hypochondriacs make no attempt to master their sensations, and yet it is also a mistake to think that they can merely resolve to better control their feelings once they are in the midst of the affliction. Kant’s remarks here demonstrate one of the nuances of his views on mental illness. Although we are responsible for keeping our thinking ordered, it does not follow from this that we can reorder our thinking by sheer force of will once our thinking becomes disordered” (Thomason, 2021, pp. 199-200).

Por causa do meu peito raso e estreito, que deixa pouco espaço para o movimento do coração e dos pulmões, tenho uma disposição natural para a hipocondria que, outrora, se abeirou do tédio de viver. Mas a reflexão de que a causa desta opressão do coração era talvez unicamente mecânica e irremediável, cedo levou a que eu dela não fizesse caso e, enquanto me sentia oprimido no peito, reinava na cabeça a calma e a hilaridade, que em sociedade não deixava também de se comunicar, não segundo caprichos variáveis (como é hábito nos hipocondríacos), mas de um modo intencional e natural. E visto que nos alegamos mais da vida pelo uso livre que dela se faz do que pela sua fruição, os trabalhos do espírito podem opor um outro gênero de fomento do sentimento vital aos estorvos que concernem apenas ao corpo. A opressão persistiu em mim, pois a sua causa reside na minha constituição corporal, mas tornei-me senhor da sua influência sobre os meus pensamentos e ações, desviando a atenção desse sentimento, como se ele me não dissesse respeito (AA 07, SF: 104).

A dietética é considerada um recurso terapêutico efetivo, o que se evidencia nas experiências pessoais de Kant com a hipocondria. Ele atribui à própria compleição física a causa da sua propensão a essa doença. Acredita que o seu corpo delgado esmaece a respiração e o fluxo sanguíneo.¹² Conviveu com a hipocondria e precisou exercitar o controle sobre a mente, distraíndo seus pensamentos para conter os fantasmas da imaginação. Um exercício constante de autocuidado, instilado pelo estoicismo.¹³

Entretanto, a carta escrita por Kant a Hufeland não apresenta uma estrutura rígida. Alguns preceitos dietéticos são aludidos de forma esparsa. Na parte inicial que trata do princípio da dietética sobressaem duas orientações proveitosas. Não se entregar à comodidade, conduta que extenua a saúde e encurta o tempo de vida: "[...] a comodidade é aqui uma causa do encurtamento da vida. A cama é o ninho de uma multidão de doenças" (AA 07, SF: 101).

Tratar-se ou fazer tratar-se na velhice, apenas para poupar as suas forças, através da evitação da incomodidade (por exemplo, sair no mau tempo) ou, em geral, na transferência para outrem do trabalho que pessoalmente se poderia fazer, para assim prolongar a vida, tal solicitude opera justamente o contrário, a saber, o envelhecimento prematuro e o encurtamento da vida (AA 07, SF: 101-102).

A outra lição se refere à velhice. Kant alega que a crença comum, de que os idosos devem se poupar de todos os esforços para conservar a saúde, na realidade, é danosa. Na velhice o mais saudável é, dentro dos devidos limites, manter uma rotina ativa. O repouso constante apressa o envelhecimento e abrevia a vida.

A carta se divide em seis tópicos determinados. O primeiro deles trata da [I] *hipocondria*, enfermidade que Kant confessa padecer. O tema seguinte é o [2] *sono*, parte em

¹² Esse relato de Kant evidencia que a tese assumida no *Ensaio sobre as doenças da cabeça*, de que fatores fisiológicos engendram doenças psíquicas, não foi definitivamente abandonada, mas relativizada defronte a complexidade e as incertezas que circundam o problema.

¹³ Cf. Failla, 2021, p. 31.

que o estoicismo é mencionado por fornecer uma estratégia para contornar a insônia.¹⁴ Em [3] *Da arte de comer e beber*, ele enuncia que os hábitos alimentares, na juventude, devem ser guiados pelo apetite. Na velhice, porém, o melhor é manter os hábitos sadios cultivados durante a vida.¹⁵ Em [4] *Do sentimento mórbido derivado do pensamento fora de tempo*, Kant afirma o seguinte:

Para um erudito, o pensar é um alimento sem o qual, quando acordado e sozinho, não pode viver; ora aquele pode consistir no estudar (leitura de livros) ou no refletir (meditar e inventar). Mas, ao comer ou ao passear, ocupar-se ainda laboriosamente com um pensamento determinado, incomodar ao mesmo tempo com dois trabalhos a cabeça e o estômago, ou a cabeça e os pés, suscita, por um lado, a hipocondria e, por outro, a vertigem. Por conseguinte, a fim de se ser senhor, mediante a dietética, deste estado mórbido, nada mais se exige do que fazer alternar o trabalho mecânico do estômago ou dos pés com a ocupação espiritual do pensar e, durante este tempo (consagrado à restauração), refrear o pensar intencional e deixar o curso ao livre jogo da imaginação (análogo a um jogo mecânico); mas, para isso, exige-se de quem estuda uma resolução tomada de modo geral e firme da dieta no pensar (AA 07, SF: 109).

Kant confere um valioso ensinamento dietético aos eruditos. As atividades intelectuais, tais como a leitura e a reflexão, não podem ser realizadas em conjunto com as ocupações triviais. Não é proveitoso meditar e se desgastar com pensamentos em momentos inoportunos, bem como nas refeições ou nas várias atividades que agitam o corpo. De acordo com Kant, a mistura de ambas as atividades fomenta a hipocondria e causa vertigem. O labor intelectual deve estar dissociado dos trabalhos mecânicos. Kant propõe, afinal, uma dieta do pensamento, de forma que durante os afazeres corriqueiros, é aconselhável suspender o raciocínio rigoroso e abandonar o pensamento ao fluxo livre da imaginação. Em [5] *Da supressão e o impedimento de acidentes mórbidos pela resolução de interferir na respiração*, Kant adverte sobre o quão morbífico o hábito de respirar pela boca pode ser.¹⁶ Em [6] *Das consequências do hábito de*

¹⁴ “Ora, devido à impaciência de me sentir incomodado no sono, depressa recorri a um meio estoico, esforçando-me por fixar o meu pensamento em qualquer objeto indiferente, por mim escolhido, fosse ele qual fosse (por exemplo, no nome de Cícero, que continha muitas representações secundárias) e por desviar a minha atenção daquela sensação; depois, e até com rapidez, esta embotou-se e a sonolência levou a melhor; e a qualquer hora, em acessos periódicos deste tipo nas pequenas interrupções do sono noturno, consigo repetir isto com resultado igualmente bom” (AA 07, SF: 106-107).

¹⁵ “No estado de saúde e na juventude, o mais conveniente, no tocante à fruição, e de acordo com a duração e a quantidade, é consultar simplesmente o apetite (fome e sede); mas no enfraquecimento que sobrevém com a idade, o hábito de um modo de viver comprovado e julgado salutar, i.e., fazer todos os dias o que um dia se fez, é o princípio dietético mais favorável a uma longa vida” (AA 07, SF: 107).

¹⁶ “Há poucos anos ainda, era visitado, de tempos a tempos, pela constipação e pela tosse, acidentes que me eram tanto mais incômodos quanto aconteciam, por vezes, ao ir para a cama. Indignado, por assim dizer, com esta perturbação do sono da noite, decidi-me, no tocante ao primeiro acidente, a respirar pelo nariz, com os lábios firmemente fechados; de início, consegui tal pelo nariz apenas com um ligeiro silvo e, como não cedi nem afrouxei, com uma corrente de ar sempre mais forte, por fim, plena e livre, e daí em diante adormecia logo. Quanto à tosse, esta expiração por assim dizer convulsiva e entremeada de aspirações (não contínuas como no riso) e ressoando às sacudidas, tosse que na Inglaterra o homem comum chama tosse de velho (quando se está na cama), era-me tanto mais incômoda porque surgia, por vezes, logo após o aquecimento do leito e retardava o adormecimento. Ora, para impedir esta tosse que se excita na laringe pela estimulação do ar aspirado com a boca aberta, não seria

respirar com os lábios fechados, ele ressalta o alento que a respiração pelo nariz confere à saúde.¹⁷

Os acidentes mórbidos, a cujo respeito o ânimo tem o poder de se tornar senhor do seu sentimento pela simples vontade firme do homem, como poder superior do animal racional, são todos de índole espasmódica (convulsiva); mas, em contrapartida, não se pode dizer que todos os acidentes deste gênero se possam impedir ou suprimir só pela resolução firme. Com efeito, alguns são de tal natureza que as tentativas de os submeter à força da resolução reforçam antes a dor convulsiva; foi o que se passou comigo, pois a enfermidade, que há cerca de um ano foi descrita no *Jornal de Copenhaga* como “catarro epidêmico, acompanhado de opressão de cabeça” (em mim velha mais de um ano, mas de sensação semelhante), desorganizou-me, por assim dizer, quanto aos meus próprios trabalhos intelectuais, pelo menos, enfraqueceu-me e embotou-me, e visto que tal opressão acometeu a natural fraqueza da idade, só cessará simultaneamente com a vida (AA 07, SF: 112-113).

A despeito da sua confiança na eficiência da dietética, Kant constata as suas limitações. Uma atitude tenaz que visa condicionar um modo de vida sadio, não assegura que certas enfermidades sejam refreadas ou extinguidas. Tal atitude, em certos casos, pode até mesmo surtir um efeito contrário e agravar o quadro patológico. Kant descreve uma experiência pessoal com o “catarro epidêmico”. Em idade avançada, o filósofo padeceu dessa doença que prejudicou os seus trabalhos como erudito. Ele confessa não haver esperança de melhoras e que se libertará dessa moléstia apenas com a morte.

De resto, filosofar, sem justamente por isso ser filósofo, é também um meio para afugentar certos sentimentos desagradáveis e, ao mesmo tempo, uma agitação do ânimo que introduz um interesse na sua ocupação, interesse independente das contingências externas e que, justamente por isso, embora apenas como jogo, é todavia poderoso e íntimo, e não deixa estagnar-se a força vital. Em contrapartida, a filosofia que tem o seu interesse no fim último da razão no seu todo (fim que é uma unidade absoluta) traz consigo um sentimento de força e capaz de compensar em certa medida o enfraquecimento corporal da velhice, graças à apreciação racional do valor da vida (AA 07, SF: 102).

A filosofia é enaltecida por elevar a vitalidade. O objeto contemplado pela filosofia ultrapassa as vicissitudes mundanas, reverenciado pela razão como uma finalidade em si

precisa uma operação mecânica (farmacêutica), mas apenas uma operação direta do espírito, a saber, apartar totalmente a atenção desta estimulação e dirigi-la com esforço para qualquer objeto” (AA 07, SF: 110-111).

¹⁷ “A consequência indireta deste hábito louvável é que a tosse involuntária e forçada (não a libertação pela tosse de um muco enquanto expectoração intencional) é impedida em ambos os casos e, portanto, também uma enfermidade, graças ao simples poder da resolução. Descobri até que acometido uma vez, depois de apagada a luz (e acabado justamente de me deitar) por uma forte sede, tinha, para a extinguir bebendo água, de ir às escuras a um outro compartimento e buscar às apalpadelas o jarro da água, e ocorreu-me então a ideia de fazer diferentes e fortes aspirações com a elevação do peito e, por assim dizer, beber o ar pelo nariz; deste modo, a sede extinguiu-se de todo em escassos segundos. Era uma estimulação mórbida, que foi eliminada por uma excitação contrária” (AA 07, SF: 112).

mesma, a sabedoria pela sabedoria. Filosofar é um esforço que exercita o pensamento e proporciona saúde. Ne velhice, com o corpo debilitado e uma rotina sedentária, fatalmente se vivencia o dissabor de não usufruir tão ativamente da vida. Kant enobrece o papel desempenhado pela filosofia. Sendo ou não um filósofo de “ofício”, a prática da filosofia se anuncia como algo salutar. Trata-se de uma atividade genuinamente humana que amplia as faculdades do intelecto e desvenda o valor inexpugnável da vida.

Considerações finais

Nada há de dogmático no discurso de Kant. Ele tateia, por um lado, as lacunas deixadas pela medicina, e, por outro, os recursos oferecidos pela filosofia para supri-las. No *Ensaio sobre as doenças da cabeça* ele esboça a necessidade de reconhecer a incumbência da filosofia perante os desígnios da medicina, ideia que se fortalece e rende frutos muitos anos depois. A *Antropologia de um ponto de vista pragmático* representa a maturidade de uma concepção arrojada que imerge na vasta complexidade da psique humana. Uma visão inovadora que se consolida em *O conflito das faculdades*, obra em que Kant estipula o campo da sua medicina filosófica, erguida como uma síntese acurada que comunga dietética e estoicismo.

Referências

AULUS GELLIUS. *The Attic Nights*. Translation by John Rolfe. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press; William Heinemann, 1927.

CAIRUS, Henrique., RIBEIRO, Wilson. *Textos Hipocráticos: o Doente, o Médico e a Doença*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2005.

DIÓGENES LAËRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

FAILLA, Mariannina. “Madness and Kant's Philosophy: The Importance of Philosophy to Medicine”. *CON-TEXTOS KANTIANOS*, n 13, p. 29-34, 2021.

GALENO. *Os Temperamentos*. Tradução de Veríssimo Anagnostopoulos. Campinas: Editora Auster, 2020.

KANT. *Antropologia de um ponto de vista pragmático*. Tradução de Clélia Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

KANT. *El Poder de Las Facultades Afectivas*. Traducción de Vicente Garcia. Buenos Aires: Aguilar Ediciones, 1980.

KANT. *Ensaio sobre as doenças da cabeça*. Tradução de Pedro Panarra. Revista Filosófica de Coimbra, n 37, 2010, p. 201-224.

KANT. *O conflito das faculdades*. Tradução Artur Morão. Convilhã: Lusosofia, 2008.

KANT. *Von der Macht des Gemüts, durch den bloßen Vorsatz, seiner krankhaften Gefühle Meister zu sein*. The Project Gutenberg Ebook, 2011.

POLIANSKII, Dmitrii. “Kant’s concept of madness, psychiatry and antipsychiatry”. *12th Kant-Readings International Conference*, v 161, p. 1-6, 2023.

THOMASON, Krista. “The Philosopher’s Medicine of the Mind: Kant’s Account of Mental Illness and the Normativity of Thinking”. In: LYSSY, A., YEOMANS, C. *Kant on Morality, Humanity, and Legality*. Cham: Palgrave Macmillan, 2021, p. 189-206.

Recebido em: 25/02/2024

Aprovado em: 20/06/2024